

REVISTA DO CENTRO LITTERARIO

PUBLICAÇÃO LITTERARIA E SCIENTIFICA

Collaborada pelos Associados



3.589
52

ANNO I.

RIO DE JANEIRO, 15^o DE JANEIRO, 1883.

N. 3.

EXPEDIENTE

Toda a correspondencia deve ser dirigida á secretaria provisoria do Centro Litterario, rua da Prainha 172, sobrado.

A commissão pede ás pessoas da corte ou do interior que desejarem ter a *Revista*, queiram enviar seus pedidos ao lugar acima.

Temos recebido os seguintes jornaes, á cujas redacções sinceraamente agradecemos a remessa:

Da corte — A *Revista Illustrada*, *Mequetrefe*, *Jornal do Agricultor*, e o *Argonauta*.

Da província do Rio de Janeiro — *Echo da Magdalena*, *Vassourense*, *Monitor Fidelense*, *S. João da Barra*, *Itatiaga*, *Voto Livre*, *Monitor Campista*, *Fluminense*, *Arauto*, *Tymburibá*.

Da província de S. Paulo — *Rio Branco*, *Tempo*, *Arauto de Lorenna*, *Diário da Tarde*, *Gazeta da Franca*, *Pararangaba*, *Nortista Opinião Liberal*, *Tribuna do Norte*, o *Arado* e a *Situação*.

Da província do Espírito Santo — o *Horizonte*, *Província do Espírito Santo*, *Baluarte* e o *Espirito Santense*.

Da província de Santa Catharina — *A Regeneração*.

Da província do Rio Grande do Sul — o *Lábaro*, e o *Arauto das Letras*.

Da província do Ceará — *O Cearense*.

Da província das Alagoas — *O Papagaio* e o *Pandego*.

Da província de Pernambuco — *O Etna*.

Da província de Minas-Geraes — *Echo do Povo* e *Arauto de Miúas*.

Da província da Bahia — *O Regenerador*.

Recebemos mais, do ilustrado Sr. director do collegio Silveira um gracioso convite para assistirmos á brilhante festa de distribuição dos premios e encerramento das aulas, que teve lugar no dia 16 de Dezembro proximo passado.

Agradecemos.

Em visto da grande affluencia de trabalhos, a Comissão de Redacção e Censura roga a todos os Srs. Associados que queiram colaborar no 4º numero da *Revista*, o obsequio de remetterem seus trabalhos até o dia 5 de Fevereiro proximo.

D'essa data em diante não será admittido trabalho algum.

REVISTA DO CENTRO LITTERARIO

Rio, 15 de Janeiro de 1883.



RANSCREVEMOS, com a maior satisfação, um ofício do intelli-gente e patriótico redactor do *Espirito Santense*, recebido com a sympathica cordialidade de quem recebe um longo abraço fraternal, forte e franco.

Effectivamente, a unidade de pensamento e de accão entre nós e aquella redacção significa, á nossos olhos, o amplexo

fraternal de uma província inteira, resolvida, como nós, á lutar contra a crescente invasão estrangeira na literatura, nas crenças, nos costumes e na educação da mocidade.

Orgulhamo-nos em transcrevel-o porque esse ofício vem nos provar, á toda a evidencia que nós não combatemos em pról de uma causa commun, em pról de uma idéa frívola ou por simples capricho de jovens arrebatados.

Ei-lo :

« Victoria, 10 de Dezembro de 1882.

« Illms. Srs.

« Recebendo a *Revista do Centro Litterario* que acompanhou vossa Circular, apraz-me dizer — que saúdo com entusiasmo vosso emprehendimento, sob as bases contidas nesta ultima.

« Verdade, estamos n'uma época em que só se encontra valor no que nos fornece o estrangeiro; — Portugal e Brazil, apesar dos robustos talentos que tem, do que se ha produzido nestes ultimos quinze annos, marcham na litteratura e na sciencia, na retaguarda do progresso, — por que, só dramas, comedias e entre-actos franceses tem valor, quando ja temos comedigraphos e dramaturgos a competir com os melhores da França. Em poesia e romances não nos inveja o estrangeiro — porque a pleia de mestres brasileiros e portuguezes o provam; falta-nos, sim capricho e amor proprio para, banindo de nossas estantes essas nonadas litterarias, que nos vem de enxurrada do estrangeiro — darmos importancia ao que é nosso, que muito maior valor esthetic tem do que — romances, comedias e poesias, eivadas de obscenidades e gongorismos, que ferindo a moral por um lado, nar-cotisam-nos por outro.

« Dito isto, pôde a illustrada redacção da *Revista do Centro Litterario* contar com meu fraco apoio, a bem de soerguer a nossa litteratura do abandono em que jaz.

« O nosso jornal será enviado regularmente.

« Com a mais distinta consideração assignamos.

De VV. SS.

Patrício, Attento, Venerador e Criado

BASILIO CARVALHO DAEMON

Redactor do *Espirito Santense*. »

Permitta-nos o illustre collega algumas palavras nossas.

Nós não guerrearemos paizes, mas queremos, com efeito, « banir das nossas estantes essas nonadas litterarias que nos vem de enxurrada do estrangeiro. »

E' porque vemos desprestigiadas as obras immorredouras dos grandes mestres brasileiros e portuguezes, que levantamos esse brado de revolta.

Na nossa modesta bibliotheca ha obras de que cada pagina é um protesto, cada capítulo um grito de indignação e cada volume um anathema lançados contra a fria indiferença manifestada pelos povos que fallam a lingua portugueza por tudo que é da sua patria.

« Darmos importancia ao que é nosso », é esse real-

mente o nosso fim, e para conseguil-o não recuaremos ante os maiores sacrifícios.

Temos para isso a fé e a esperança — luctaremos!

Temos força e juventude, e, sobretudo, sentimos em nossos corações lavrar com todo o fogo, o santo amor da Patria, do bom e do bello.

Não recuaremos porque nessa lucta estão empenhados os nomes, para nós sagrados, de tantos mestres, cujas obras jazem no olvido ainda mais frio e funebre do que as campas razas em que jazem seus corpos.

Se vencermos, veremos campear bem alto e livre, fóra do alcance das criticas mesquinhas e invejosas, a exhuberante litteratura vernacula.

Será essa a nossa gloria e a nossa recompensa.

Se formos vencidos, teremos ainda forças bastantes para lançar, de envolta com o derradeiro alento da nossa causa, um unico brado de indignação, grande como o patriotismo inflamado, profundo como o desprezo e eloquente como a natureza das nossas patrias.

NO BAILE

A' D. A. DE OLIVEIRA

ERA no baile, e em quanto descuidosa.
Te entregavas das valsas ao delirio
Minh'alma percorria do martyrio
A escala toda horrivel e penosa.

Admirava a pallidez do lirio
Que cobre a tua fronte donairosa
E a mente minha ardente e suspirosa
Ao fitar-te eleva-se ao empireo.

E quando as doces notas expiravam
Levadas pelas auras que passavam,
O bulicio da dança abandonando

Tu chegaste á varanda docemente
E os olhos ergueste meigamente...
Então, eu vi dois céos um só fitando.

K.

ESPERANÇA

MINHA alma sente saudades,
e sinto no peito a dor;
sinto o fogo da esperança
trazer-me á vida o calor.

Ter esperança na vida,
vida que Deus destinou,
que não pôde ser mentida,
como os sonhos que sonhou!...

Se a esperança é um sonho,
os sonhos, uma illusão,
descer da esperança e sonhos,
não é criterio e razão.

Se a esperança é dourada,
como a saudade é sentida,
se falta á vida a esperança,
tambem falta ao corpo a vida.

ALVARO BAPTISTA

DISCUSSÃO DE THESE

AO POLEMISTA R. MATOLLA

These

A mulher brasileira, educada como é hoje, pôde levantar o espirito nacional, fazendo da nossa patria uma verdadeira e grande familia?

DISSE já um litterato, que da discussão nasce a luz. Discutamos, pois.

Sem ter recursos intellectuaes bastante desenvolvidos para apresentar-me na arena da discussão o faço, todavia, porque sei que no ponto final d'ella, tenho direito a um lugar :

Ou vencedor, ou vencido.

Admitindo o ultimo, por hypothese, entendo que não fui de todo inutil, visto que dei occasião a que o meu illustre adversario ficasse vencedor.

Para que vença uma ideia é preciso fazel-a correr nos campos da polemica : ora cahindo ou levantandose, ora morrendo e vivendo.

Para que se discuta uma these é necessario haver contrarios a ella, e eu não serei de todo inutil servindo de elemento á discussão.

Eis por que á interrogação que a these representa, eu respondo : Não, nem vezes, não.

Não, porque, para mim, *mãe de familia* significa a mulher que amando as doçuras do lar, não as troca, nem d'ellas se affasta, pelo passatempo inutil de um baile ou identicas cousas superfluas ; cuida na felicidade do lar domestico, na satisfação do esposo e no futuro de seus filhos.

Pois bem.

Actualmente educam mulheres, para d'ellas fazer : futuras mães de familia.

Porque está provado que a mãe de familia, quando educada, é o elemento e base da felicidade de um povo, do progresso de uma nação e do levantamento do espirito nacional.

Estamos portanto preparados para sermos felizes, progredirmos e levantar o espirito nacional ; assim não acontecerá porque não educam as mães de familia.

Olhemos para qualquer das nossas casas de educação : todas ellas apregoam aos quatro ventos que preparam mães de familia.

E, o que preparam ellas ?

Preparam mulheres no estudo de grammatica, arithmetica, musica, desenho, etc.

E em que servem estes estudos, com os quaes ella se illustra e não se educa, para fazer a felicidade do lar domestico ?

Muitos dirão : estes estudos farão a independencia da mulher relativamente ao homem, e ella poderá subsistir por si mesma.

Não admitto esta asserção desde que se trata de mães de familia, que a unica independencia que devem ter está na dependencia do caro esposo e ternos filhos.

Com esses estudos elles não poderão educar filhos ;



Suas impressões
obtido por varias vezes o juizo
favoravel da illustrada imprensa,
tanto da Corte como das
Provincias.

Especialidade em impressões de obras como sejam:
Relatorios, Estatutos, Revistas, Publicações
periodicas, Theses, Romances Memoriaes,
Circulares, Recibos, etc., etc.

GARANTE NITIDEZ, PROMPTIDÃO E MODICIDADE NOS PREÇOS.

N.º 31, Rua da Ajuda N.º 37

(Entre as ruas de S. José e Santo Antonio.)

esses estudos estão nas escolas e no proprio lycéo onde esses filhos os irão buscar quando tiverem idade conveniente.

A mulher precisa educal-os em casa e para isso, precisa que ella tenha essa educação para transmittir-lhes.

Mas não lhe dão essa educação.

Nos lycéos não ha aulas de pedagogia ? !

A educação para as mulheres ensinar aos filhos os primeiros passos, isto é, sua criação, todas devem possuir.

Aonde está, nos lycéos, a aula de economia domestica, materia indispensavel a toda a mãe de familia, para completa direcção dos arranjos de sua casa ?

Precisamos mulheres operarias, antes que illustradas.

A mulher operaria pôde ligar-se ao capitalista ou fidalgo assim como ao rude trabalhador de alvião e enchada.

A mulher illustrada só pôde ligar-se ao capitalista e ao fidalgo, que dispoem de meios para pagar a moradia de sua casa, e não serve para ligar-se ao operario como provarei em subsequente artigo.

Eduquem a mulher, antes de illustrala.

CARLOS DA COSTA FONTELLA.

Rio de Janeiro, 4 de Janeiro de 1883.

AMOR E TRAIÇÃO

(À EXMA. SRA. D. MARGARIDA R. LEITÃO)

VI-TE. Eras bella, candida, virtuosa,
Teus olhos despediam um brilho sedutor
Mas mesmo pura como o calix d'uma rosa
Occultavas em teu peito um coração traidor.

Amei-te, com o fogo do meu primeiro amor
Ao vêr-te casta assim e timida e formosa
Mas breve, muito breve estouvada, e caprichosa
Ficaste, e o coração, encheste-me de dor.

Meu peito é immerso hoje, em bem amargos prantos
Triste e saudoso dos tempos que lá vão
Em que eu contemplava, feliz, os teus encantos !

No fundo de minh'alma, occulto esta paixão
E, desprezando, embora sofrimento tantos,
Perdão-te ! oh ! virgem, a tua ingratidão.

DOMINGOS B. DE PINHO E SILVA.

Porto, Dezembro, 1882.

A ELLA...

MORENINHA seductora,
tu és travessa e faceira,
és tão viva, tão bregeira,
moreninha seductora !...
D'amores provocadora,
tens olhos de feiticeira ;
moreninha seductora,
tu és travessa e faceira.

* * *
Sempre teus labios risonhos,
sempre vivos os olhinhos,
Cheios d'encantos, carinhos,
sempre teus labios risonhos.
Me perseguem nos meus sonhos
os teus mimosos pesinhos,
sempre teus labios risonhos,
sempre vivos os olhinhos !

D. CRELUCIO.

Electrico



AGRO, pallido e taciturno, assim era elle.

Sonhava.

Por isso era poeta.

Como todos os poetas, tinha necessidade de amar.

E tanto fez que amou.

Mas a sua escolhida era surda, quero dizer, insensivel a declarações.

Nunca lhe ouvio uma nota, nem um gesto.

Fallou-lhe... qual ! ó diabo da rapariga era má por indole : parece até que não tinha o dom da falla.

Recorreu ás lagrimas ; chorou muito.

Qnem chora, padece.

O que padece definha.

Se definhá está prestes a sucumbir.

Mas não sucumbiu.

Estudou em compensação.

Pensou.

Tornou a estudar... a pensar.

Deitou sonetos... nada ! idilios... em vão !

Foi uma desgraça.

Afinal, como que inspirado por uma luz unica, atrou-se aos pés da ingrata e resolveu de um só golpe .. de palavras, abalar aquelle coração de gelo.

— Ouve : — estou resolvido a tudo ! No primeiro momento afogo-me ! atiro-me do Corcovado se me não attendes, se não ouves este coração que pulsa só por ti ! Olha : se soubesses os prazeres que te esperam amando-me ; se comprehendesses as venturas inefáveis que te faria fruir em troca do teu amor...

— Não quero...

— ...não serias tão ingrata...

— Já lhe disse.

— ...tão cruel !

— Moço ! vá s'embora ! Ora dá-se ! que bisbilhoteiro !

Pensa que eu sou *d'essas* ? Está enganado ! Se continua a metter-se com a minha vida com taes palavrões, eu grito, eu chamo por papae !

Cahiu das nuvens.

A sua *ella* tinha chegado uns dias antes da... não, não digo para não criar inimizades na roça.

Por isso jurou nunca mais amar.

E fez muito bem ; porque isso de mulheres... só o diabo !

DUARTE PORTO JUNIOR.

SCENAS

Como é bella, garrida e louçã
E como canta a formosa aldeã
Uns poemas d'amor tão sentidos !
Accordes tão bellos, divinos,
São tristes, suaves hymnos
Que vêm de peitos doridos !

Vem a noite... e um rapazola
Faz, no terreiro, a viola
Gemer uns sons stridentes,
E a joven aldeã, vai cantando,
Depressa, correndo e saltando,
Dar-lhe a face aos beijos ardentes !

AVELINO LISBOA.

O QUE EU DESEJO...

O Jéso! vem cá! Reflecte bem!
 « Olha tu que o negocio é da china:
 « Dás dez contos, tão sómente, e logo vem
 « Um baronato! Que dizes? Imagina:
 « Serás então da elite, da gente fina,
 « Tu que hoje és olhado com desdém,
 « Terás puffs! nas gazetas e á surdina
 « Serás adulado, emfim, mais que ninguem! »
 — Sim senhor! isso é bonito, amigo meu!
 « Mas, dou-te certeza que o projecto teu
 « Não satisfaz o meu desejo ardente;
 « Porque, afinal, queres tu saber?
 « O meu constante desejo, é poder
 « Exprimir bem o que minh'alma sente. »

JÉSO.

Rio, 1 de Janeiro de 1883.

ROMANCE LIGEIRO

ALBERTINA era o fructo tardio d'um casamento por amor.

Viera ao mundo quando já não era esperada.

O velho Ribeiro quasi enlouquecera de contentamento quando a sua querida Alberta anunciara, entre alegre e envergonhada, que elle ia ser pae.

Duvidou primeiro... « — Que ella queria mosar d'elle... não era possivel... depois de dezoito annos? !... »

— Não. Era exacto... que o medico lhe tinha afiançado.

Depois de encaral-a longamente convenceu-se, pela serenidade de seu rosto, que ella não estava brincando.

Puchou-a para si, beijou lhe a fronte e, apertando-a estreita e amorosamente nos braços, exclamou:

Como sou feliz!

Era a realização do seu mais ardente desejo.

Casado aos 30 annos com uma menina de 17, a quem amava perdidamente, desejava ardente mente que um fructo d'esse amor viesse perpetuar o seu nome. Chegava mesmo a traçar no espaço de sua imaginação um plano para o futuro do almejado filhinho: e era com o maior desapontamento que via passarem-se os annos sem que o seu sonho se realisasse.

Quantas vezes, marchando aconchegadinhos em longos passeios campestres, sentavam se n'uma alfombra e, as cabeças unidas, segredavam amores, horas inteiras!...

N'um extremo de ternura inqueria-lhe elle:

— E's feliz, minha Berta?

Ella fixando-lhe os grandes olhos negros, coquetamente cerrados, coando por entre os longos cílios um brilho voluptuoso, dizia: — E' preciso que t'o diga? Tu duvidas porque não o és.

— Sou; mas não tanto quanto desejava. E's boa, porém tens frustrado a minha mais doce esperança...

Sem mesmo perguntar como, ella enrubecia e tapava-lhe a bocca com a mãosinha gorda, papuda, e não o deixava concluir.

E assim passaram-se dezoito annos; e já elle tinha exclamado como o poeta italiano — *lasciate ogni speranza* — quando Albertina lembrou-se de vir ao mundo.

Quando se anunciou a sua proxima chegada, os paes que já estavam voltando-se para o poente, tornaram-se duas creanças enamoradas.

— Ha de ser mulher, dizia o pae, terá lindos olhos, longos cabellos como os teus; ha de ser boa como tu...

— Não, retorquia ella, seria homem; parecer-se-ia muito com elle... havia de ser doutor, e muito intelli gente...

Como vêm porém, venceu elle. Era com efecto uma mulher, e, a medida que se desenvolvia, parecia que era o retrato de Alberta que se animava sahindo do fundo de um quadro, — do que esta não se convencia apesar de ser a opinião unanim dos amigos. Amuava-se mesmo quando perguntando a alguem: « Não é o retrato vivo do pae? » respondiam-lhe negativamente.

Crescera Albertina rodeada de todos os cuidados de filha unica de paes ricos, mas sem os preceitos d'uma menina bem educada. Aos quinze annos tinha completado o que entre nós se chama — a educação de uma moça.

Estropiava algumas partituras, cantava romanças em italiano, que ella não comprehendia, assassinava o idioma de V. Hugo e lia todos os romances que apreciam, mesmo sem que seus paes os tivessem examinado para autorizar a leitura. Dizia-se realista. Léra *Naná*, o *Primo Basilio* e o *Crime do Padre Amaro*, e achava *Escrich* enfadonho.

Conhecia todo o movimento litterario e desconhecia o do interior de sua casa.

Fazia garbo de não saber temperar uma panella, nem cortar um vestido. O pae era rico... e depois, isto de cosinha era para negras e criadas.

Gastava todo o tempo que lhe sobrava da leitura e dos passeios, a compôr um sorriso, arranjar um pentead defronte do magnifico espelho de Veneza do seu quarto.

Perigosamente bella, enamorava-se da sua propria pessoa; e de tal sorte ocupava-se de si que esquicia-se de retribuir os carinhosos afectos d'el.

E o velho Ribeiro nem sentia a frieza com que ella lhe tratava.

Não ia para o escriptorio antes que ella se levantasse para dizer adeus.

E quando ella aparecia com a basta cabelleira em desalinho, os olhos negros e grandes, pisados pela insomnio; vestida com o descuido estudado; era elle quem corria ao seu encontro. Segurava-lhe nas mãos alvas e finas, beijava-a, inqueria da sua saúde e dizia-lhe mil tolices que só têm significação quando ditas por um pae.

Ella bocejava, respondia as vezes agastada, e outras deixava de responder. Desvencilhava-se d'elle e atirava-se na sua *chaise-longue*, lendo os folhetins dos jornaes enquanto esperava que lhe trouxessem o café.

— Está nervosa, dizia o velho acompanhando-lhe os movimentos.

Albertina completara os 16 annos. Era, como dissemos, perigosamente bella, caprichosa, vaidosa e coquette.

Sentia a necessidade de ser amada, porém d'um amor como os que ella via descriptos nos romances. Por isso, rejeitara vantajosas propostas de burguezes apatacados.

Tinha o seu ideal.

Queria um marido bem moço, de largos bigodes louros, cabellos anellados e olhos azuis.

Um marido romanesco, que lhe dissesse a todo o instante, ao ouvido: « Amo-te! Adoro-te! » Como lhe diziam muitos rapazes nos bailes do Cassino.

Este ideal appareceu.

Camillo, poeta lyrico, um debochado que depois de gastar nas orgias e em amores faceis a fortuna que herdara vivia a cata de uma rica herdeira, — foi o escolhido.

Encontraram-se n'um baile, onde elle apresentara-se de casaca e luvas alugadas ao *belchior*.

Fora-lhe apresentado, e dansara diversas vezes com elle. Dissera-lhe cousas divinas e outras impossíveis. Pedira-lhe licença para dedicar-lhe uma poesia que ella lhe inspirara... e dias depois uma *Gazeta* publica diversos sonetos e *romances ligeiros* decantando os dotes phisicos eom que a natureza dotara a linda Albertina.

O nosso Camillo começou a passar todas tardes pela porta de Ribeiro, até que encontrou um amigo que lhe dera ingresso na casai.

Elle não perdeu tempo.

Repetira-lhe a viva voz, tudo qne lhe dissera por escripto.

Endeosou-a...

«... Que os seus cabellos faziam o desespero de todas e o encanto de todos... que a luz dos olhos seus infiltravam-lhe na alma gozos até então desconhecidos... os labios, a bocca, os dentes, tudo emfim, eram a perfeição o encanto a graça.

O pé mignon, catita era o ultimo *bijou* sahido das mãos do GRANDE ARTISTA.

Era um pé como não era dado a nenhum mortal vêr um igual em sua vida. »

E ella ouvia todas aquellas asneiras com um mystico enlevo.

Concedera-lhe permissão para pedil-a em casamento.

Serião muito felizes...

Pela primeira vez Ribeiro oppoz-se ao desejo de sua filha.

Estava informado a respeito de Camillo, e de modo algum consenteria. Amava-a muito para assim sacrifical-a...

Choros, ataques de nervos, ameaças de envenenamento, tudo foi debalde.

Ribeiro foi de uma austeridade de que elle proprio julgava-se incapaz para com a sua *Titina*, o seu anjo, como elle dizia.

O anjo tornou-se o diabo.

Combinou com o amante a fuga, porque, disse elle, o velho seria depois obrigado a ir procura-los e até rogar-lhes que voltassem.

Quando a velha Albertina veio em prantos comunicar ao marido que a filha desapparecera, deixando um bilhetinho sobre o toucador, o velho não teve uma palavra de reprovação, nem uma praga. Apertou a fronte nas mãos, fincou os cotovellos na mesa, e ficou assim pensativo, com a cabeça pendida. Duas lagrimas bailaram-lhe muito tempo nos olhos, e desprendendo-se depois das palpebras vieram acompanhando as caprichosas voltas dos carreiros que 63 annos fizeram-lhe no rosto.

São passados 6 annos. Ribeiro e Alberta já não existem.

Quanto a Albertina; depos de esbanjada a fortuna que Ribeiro acumulara n'um trabalho afanoso de honesto negociante, como os versos não dessem para a panella, levou-lhe o marido para um cortiço na cidade nova, onde vemos encontra-la a lavar roupa, tendo junto a si tres filhinhos sujos, rotos e rachiticos.

O marido vive embriagado nas vendas e ella trabalha para sustental-o e aos filhos. Vive porém honradamente.

« Maldita necessidade.

« Que a tanto obriga a vontade. »

Cômo diz o poeta Jacobino Freire.

R. MATOLLA.

GOSO

T AL como o passarinho
que o ninho vai guardar
de abutre a vojar
d'instinto vil, damninho;

A māi que de mansinho,
no berço vai beijar
o riso a despontar
nos labios do filhinho,

Me enleva e faz sentir
um goso tal divino
qu'innunda a alma de luz :

Pois sinto no sorrir
do angelico menino
a aureola de Jesus.

DUARTE PORTO JUNIOR,

UM MOMENTO DE ESPERA

V AI, amarga expressão de minha alma,
de mim leva bem longe, a paixão,
vai morar nos agrestes silvedos;
ouve as aves cantar nos fraguedos,
não me roubes da vida o condão.

Não me deixes morrer sem que eu possa,
meus desejos na vida cumprir;
não me queiras roubar os cuidados,
que na mente conservo gravados,
como estrellas no céu a fulgir.

Que depois d'elles serem cumpridos,
cessará n'este peito a ambição;
morrerei, levarei d'este mundo,
as saudades de amor tão profundo,
que pungiram o meu coração.

ALVARO BAPTISTA.

TOME NOTA !

Q UERES tu puxar-me a orelha ?
Pois puxa !... Não levo a mal.
E' cousa já muito velha
Que prova amor, afinal

Franze lá a sobrancelha...
Dá-me o muchocho usual.
Pódes mesmo dar-me sal
Por fino bife de grelha.

Pregue-me quatro casendos
Que meus labios serão mudos !
Dá-me tabefe que estale...

Mas, desde já te previno :
Dispensò o affecto canino,
Que amor... de dentes não vale.

ABRI. PORTO.

OS BAILES



haine anglaise !

Cá estou eu a fallar dos bailes.

Não julguem os homens da minha idade
que isto que faço é um grito lançado contra
aqueles innocentes folguedos de outr'ora.

Tambem não pensem as delicadas moci-
nhas de hoje que eu quero com isto ir con-
tra essas innocentes fabricas de namoros e
prazeres.

Não ! Eu fallo bem de tudo. Sou d'aquelles que ac-

cendem uma vella á S. Miguel e outra á sua victimá.
E' um systema que adoptei quando tive a idéa de me metter na politica. A idéa foi-se, felizmente, mas o systema ficou.

Ficou, porque é bom.

Venho fallar dos bailes, assim como quem falla da vida alheia : — por fallar.

O meu sisudo leitor já apreciou, em um baile, as conversações dos diversos grupos reunidos ?

Não ?

Pois aprecie e verá que excellente remedio aquillo é, para o rheumatismo !

Alli ninguem falla de si, porque todo o tempo é pouco para fallar dos amigos. Ha pessoas que dizem :

— Eu não gosto de dançar. Quando vou a um baile é somente para me divertir, vendo os outros dançarem.

E divertem-se.

Mas divertem-se em criticar os que dançam.

Em geral, esses criticos são velhos que cavaqueiam por verem que os rapazes de hoje não querem saber de *Lanceiros*, *Rocambolas*, *Linda Jardineira*, *Varsoviana*, e outras muitas danças que eram as suas delícias nos bellos tempos passados.

Ouçamos o que dizem elles :

— Não sei o que me parece isto ! A polícia devia prohibir os bailes. N'elles é que os rapazes e as raparigas arruinam o corpo, o espirito e a moralidade.

Um outro que arruina o nariz com rapé :

— Isso digo eu sempre. E accrescento tambem :— filha minha não vai a bailes.

— Nem minha !

— Nem minha !

— Inda se estes bailes fossem como os do nosso tempo ! ...

— Não são, não, e é por isso mesmo que eu também não consinto.

Vejamos agora os rapazes, os que gostam de dançar, mas que não dançam por não acharem com quem.

— Lá vai o Kellar. Que horrivel systema tem aquelle rapaz de dançar !

— E' verdade. Olha como elle abaixa-se todo ! Que tour elle faz, nossa senhora !

— Eu julgava que era só eu que dançava mal, mas elle...

— E o Torres ? Lá vae elle, olha !

— Pobre da dama ! Era digna de melhor sorte !

— Cada vez que vejo o Torres dançar, lembro-me do Dico, n'aquelle baile do collegio, viste ?

— Não.

— Era uma cousa por demais ! Imagina você que elle, dançando mal, como dança, foi escolher para *vis-à-vis* o Antonico...

— Ih !

— ...De maneiras que as damas viram-se obrigadas a errar, para não fazer especie.

— Ah ! Ah ! Ah !

— Mas é bem feito ! Quem as manda dançarem com elles ?

E d'ahi por diante.

Agora as moças :

— Olha a Fifina ! Ah ! Ah ! Ah !

— Credo ! Aquillo é escandaloso ! Está dando na vista !

— Bem se importa ella com isso. O que quer é namorar !

— E logo quem ella foi buscar !

— Quem é ? Conheces ? Inda não o vi.
— E' aquelle rapazinho que está dançando com aquello moça de vestido á *pompadour*.

— Aquelle de gravata branca ?

— Sim.

— Não é feio.

— Pois tambem de bonito não tem nada.

— Olha que beiçorras tem elle ! ...

— O Lucrecio tem maiores e no entanto tu namoras.

— Mas o Lucrecio não é bexigoso. Veja o outro. A cara parece-me um queijo de Minas. *Diga* que não, se és capaz !

— Não nego, mas aquillo até lhe dá uma certa graça...

— E, depois, é malcreado, como elle só. Ha dias no baile do Club não quiz dançar commigo para ir dançar com uma mocinha muito *descarada* que lá estava.

— Ah ! Por isso ! ...

E não ficam ahi.

Muitas vezes, no curto intervallo de um *tour*, um desgraçado arranja duzia e meia de inimigos... da vida alheia.

O baile é o purgatorio social.

O individuo que tiver a felicidade de sahir de um baile com a casaca completa pôde ir ao céu a qualquer hora que tem entrada.

E' o sonho dourado das nossas pallidas Ya-yás, das nossas romanticas Milocas.

Ninguem dirá, ao ver aquelles corpos flexiveis e delicados, que ellas sejam capazes de dançar noites inteiras.

Mas são.

Dariam um vestido de seda em troca de uma walsa, ou de uma quadrilha.

A maioria dessas moças que não vivem senão para isso, desconhece qualquer principio de educação.

E' um gosto ouvil-as fallar.

Uma moça me dizia :

— Eu, quando vou a um baile, *seu coisa*, não perdo nem uma ! As *quadrias* não me escapam, e as *porkas*, não *dexo passá*. As *manzucas* e *warsd*, é quantas a *musga tocá*.

Ha moças que gostam de empregar os termos mais empolados do seu vocabulario para dar á entender o o seu pensamento.

Essas fallam alto.

Já ouvi uma dizer n'um baile a uma amiga :

— E' meramente impossivel que a humanidade possa se reclinar n'esta cadeira depois que finaliza uma contradansa.

— Mas porque ?

— Porque penetra por aquelle orificio uma aragem tão salutar que produz inconvenientes constipações. E tu percebes logicamente que o resultado perceptivel das constipações é todavia uma *peloriz* ou uma *peneumonia*

Infelizmente, isto é só na sala do baile, porque em casa...

Em casa abandonam os palavrões e dizem muito *brazileiramente* :

— Aquillo esteve uma porcaria, uma pouca vergonha ! Eu não bebi nem uma *chicra de chicolate*.

— E eu ? Apezar de haver lá muito, eu não comi nem uma *cuié* de sorvete.

Louvado seja... de gatinhas !

ABEL PORTO.

O RÉO

RECLINADO sobre a relva
Com forte e lenta agonia,
Esperando o triste dia
Que começa a apparecer,
Em silencio o réo lamenta
E espera a hora certeira,
Em que por vez derradeira
A luz do sol ha de vêr.

Um altar e um crucifixo
Uma enlutada capella,
Esguia e pallida vella
Sombréa com luz mortiça,
E junto ao réo miseravel
Meio encoberto o semblante.
Fica o frade agonizante
Relendo o livro de missa.

João J. PINHO E SILVA.

A Garneiro Braga

LEMBRAS-TE? Decorreram já vinte e dous annos; eramos moços ambos. Encontrei-te um dia em casa do Manoel Fortes que era teu amigo e conhecias-me apenas. Fallamos de livros e de autores, de poetas e romancistas; depois fallamos da patria e das fundas saudades que d'ella tinhamos.

Quanto tempo gastamos n'aquelle agradavel palestra, eu não o saberei dizer agora; sei porém que desde então uma corrente sympathica nos ligou estreitamente. As nossas idéas, pensamentos, projectos e aspirações eram iguaes e quasi simultaneas.

Correram os annos.

Amamos ao mesmo tempo, e quasi que do mesmo modo. Série e dignamente, sem piégas nem namoricos escandalosos.

Cazamos quasi ao mesmo tempo, e nossos filhos cresceram juntos. Tratavam-se por tu como se fossem irmãos.

Recordas-te? Depois, collaboramos juntos para a *Esmeralda*, criação nossa que tanto trabalho nos deu, mas que nos deu tambem horas de prazer, de amor proprio linzongeado, de satisfação e de orgulho, talvez!

E as nossas idéas erão sempre iguaes, os nossos pensamentos identicos, e as nossas impressões semelhantes. Até na pobreza alegre e jovial, na constancia no trabalho, e nas ambições de futuro, nós eramos eguaes e irmanados. Sempre o mesmo gosto pela leitura e pelas letras, liamos o mesmo livro e faziamos identica analyse. Tínhamos em germe a instrucção do bello e grandioso. Infelizmente para ti e especialmente para mim, aquelle germem, nunca se desenvolveu, porque faltou-nos o zelo cultivador e a mão intelligente e cuidadosa do jardineiro. Em compensação a mão do destino, pezava-nos como uma condenação eterna!

Porque? Não sei!

Ai daquelles miserios expatriados, que levados pelo demonio da ambição deixam no verdor dos annos a patria e o lar paterno, se não trazem a fronte coberta dos beijos e das bençãos maternas! Ai delles, se uma boa e santa mãe lhes não innocula no espirito infantil os eternos e sagrados principios da moral e do dever, da honradez e do bem! Ai delles, que, sem protectores nem amigos, só encontram exploradores; que em lugar de bons exemplos encontrão vicios, e em vez de instrucção encontrão o embrutecimento no trabalho

brutal, na convivencia abjecta, nos máus exemplos, nas más companhias, no abandono, enfim!

Quantas de entre elles conseguem passar incolumes esse lago stygio negro de lôdo e mizerias, e chegar á outra margem, á vida, á sociedade, á luz publica, de fronte erguida e serena, de coração limpo e de consciencia tranquilla e calma? Poucos: bem poucos! Os pobres de ouro mas ricos de sentimentos elevados: aquelles aquem as santas mães na hora amargurada das despedidas, cobriam as frontes juvenis de lagrimas bem ditas, de beijos longos e fervidos, e de bençãos celestes.

* * *

Por incommodo repentino em pessoa de tua familia, sahiste apressadamente da ultima sessão do «Centro Litterario»

Não tivemos, por esse motivo, tempo de trocarmos as nossas impressões; de analysarmos em commun, como tão longos annos fizemos, o facto que se desenvolvia e avultava bizarramente a nossa vista, e se transformava rapidamente em explendida realidade.

Mas eu bem vi que estavas sob a mesma impressão que eu sentia, sorprehendente e agradavel.

No teu olhar curioso e analytico, eu vi, por vezes, brilhar o clarão vivido e intenso dos grandes e bellos entusiasmos.

E' que os nossos pensamentos sempre iguaes e irmaos, eram ainda uma vez, uniformes e semelhantes. Sómente tu tinhas a mais a surpresa! Não imaginavas sequer, o que podia ser uma sessão litteraria do «Centro».

E quando viste uma sala cheia de rapazes, muitos imberbes ainda; quando viste uma directoria de creanças, tu ficaste surpreso e curioso.

Depois, quando esses jovens desfilaram para a tribuna e d'ali, recitaram os seus estudos, ou seus devaneios praticos; elles que ha pouco tempo, não pegavam na pena para ligar duas palavras, e que se não julgaria n nunca capazes de fazer um verso, de certo o teu pensamento parodiou um philosopho moderno muito em voga, e disseste comtigo:

— Aqui, ha alguma cousa!

E não te enganas! Ha, sim! Ha o facto real de se agrupar, uma multidão quasi, de jovens empregados e artistas, laboriosos e modestos, para se instruirem e enobrecerem-se a si proprios.

Ha, sim, e realmente a sede ardente e insaciavel de saber e de luz.

Ha a força de vontade intelligent e fertil que faz dos mancebos homens, dos homens heróes, e dos heróes semi-deuses.

Ha a elevação do pensamento e do espirito que se burila, se facéta e pule para o bello e para o bom. Ha a libertação dos divertimentos nocivos e venae a que a mocidade inconsiderada e desprotegida se deixa arrastar nas poucas horas de folga e que tão poderosa e fatalmente influe na sua saude, na moral e no futuro. Ha o protesto tacito, da mocidade, contra o costume absurdo e anachronico do trabalho do commercio da capital do imperio.

Ha ainda a revelação inconcussa de uma evolução felicissima na geração actual para o estudo e para o progresso. Soubessem e quizessem aquelles que pretendem reger os destinos das geracões, aproveitar, proteger, e cultivar estas disposições felizes das massas populares, e a educação do povo não seria uma utopia, mas uma realidade esplendida e grandiosa! A moral publica não seria um vocabulo vão e sem significado, mas a base fortissima da familia e da sociedade!

O futuro não seria um ponto obscuro em horizonte longíquo e incerto, mas pharol brilhante a indicar porto seguro e calmo.

* * *

Debalde, porém, com inauditos esforços de almas grandes e generosas, fundam-se escolas e lyceus, cursos e aulas noturnas e gratuitas.

Debalde, porque nos armazens do commercio os miserios caixeiros erguem-se com o dia e moirejam o dia todo até que ás dez horas da noite cahem, extenuados de fadiga para recomeçarem durante semanas, meses e annos, o mesmo labor insano e sem treguas, sem luz e sem esperanças. E' triste, mas é real.

Debalde porque, nas officinas da industria, o operario ergue-se ao sibilar do locomovel, identifica-se com elle, authematiza-se, e quando ao cahir da noute despega-se do banco ou do torno, é mais um corpo fatigado do que um espirito lucido. E' massa inerte a subjugar a vontade exhausta. E' a materia a dominar o espirito !

No entanto, o commercio em geral, retrograda indubitablemente, eivado de uma vaidade stulta por titulos balofos e brazões incomprehensiveis, ao passo que os comerciantes inglezes e alemaes, methodicos e razoaveis, enriquecem e predominam.

No entanto, a industria fabril luta e é vencida pelo estrangeiro, methodico e instruido, que pensa mais do que trabalha, que estuda mais do que executa !

* * *

E, eu vi o teu olhar illuminar-se á luz do pensamento que preside ao Centro Litterario.

E vi tambem que a espacos um pensamento triste e saudoso, perpassava no teu espirito e que uma lagrima amarga te vinha humidecer as palpebras ardentes.

Talvez que subindo as regiões dos sonhos, julgasses entrever no grupo daquellas cabeças juvenis aquella que a morte te arrebatou na flor dos annos. Pobre flor mal desabrochada ainda, se o tufo te não arrebasse, tinhas ali o teu lugar, e quem sabe ? bem distincto talvez, entre teus irmãos e amigos.

Descança Arthur ; a minha evocação não pôde perturbar-te a paz eterna. Eu fui teu amigo.

DUARTE PORTO.

Rio, 6 de Janeiro de 1883.

BOAS FESTAS

RECITADA EM SESSÃO DE 1 DE JANEIRO DE 1883



«Centro Litterario» penhorado, pela amavel presença das senhoras, suas pobres sessões á abrillantar, vem, um tanto confuso e acanhado, fazer-lhe umas mezuras sedutoras, no estylo mais gentil que pôde usar.

Nós sabemos que é uso, neste dia dar as festas ás moças feiticeiras como prova de affecto e de amizade : mas o «Centro» só pôde dar poesia, pois no fundo das ermas algibeiras, tem... as cordas da lyra e a vontade !

Pediremos as musas ideias ás graças, ás estrellas, aos destinos e ás roseas auroras luminosas, os magos esplendores sedereas os encantos angelicos divinos e os perfumes subtils das frescas rosas !

E, dos sublimes dons da natureza faremos joias de um valor subido, que offerecemos ás gentis donzelas : e adornando-lhes a angelica belleza, o nosso coração grato e rendido. ama-as assim, mais divinas e bellas !

Doce Alzira morena, a fronte pura, deixa adornar das perolas divinas, que as alvoradas criam para ti : E' fada ideal da partitura, a lyra de harmonias peregrinas, musa ardente do bello Guarany !

Angelina mimosa, as roseas faces deixa tingir da cõr das magnolias, orvalhadas das gottas matutinas : e ao perfume de impressões vivace os threnos virginæs de harpas eolias embalem-te illusões, puras divinas !

Sympathica Zezé, tu que semelhas quando sorris, as lucidas auroras e tens nos olhos tanta luz do céu, unge os labios no mel d'aureas abelhas e adorna das graças seductorás, o bello rosto angelico que é teu !

Tambem tu minha doce Antonieta terás para enfeitar-te as louras tranças um bouquet virginal de bugarys. Tens o odor suave da violeta, e um mundo de sonhadas esperanças nascem nos labios teus, quando sorris !

A Cecilia gentil, que tem dois sóes nos olhos cõr das azas da andorinha a trança cõr da tréva em noite amena, terá o esplendor dos arrebóes quando o astro da luz surge e caminha e a fronte lhe doura, alva e serena !

Nicota delicada, e graciosa como a haste mimosa de alvo lyrio embalada das brisas das campinas, terás da musa aerea e vaporosa um throno harmonioso, que em dilirio te entreteça grinaldas de boninas.

Formosa Stella, estrella vespertina, fulgida aurora das manhãs de abril flor circumdada de ideal belleza : Tens nos labios a rubra coralina, e na graça do porte senhoril o encanto seductor da gentileza !

Senhoras ! Vós que a existencia tendes já plena de ideaes ternuras, de dores e venturas materiaes, tereis tambem do hymno a pura essencia, do santo amor das santas creaturas, nos hymnos de harmonias divinas !

Eis as festas que o «Centro» agradecido, pôde offerecer ás moças feiticeiras csmo prova de affectos respeitosos : Se não são joias de valor subido, são expressões fieis e verdadeiras, de gratos corações harmoniosos !

Rio, 1 de Janeiro de 1883.

NEMO.